

O SUJEITO MULHER-POLICIAL SOB AS TENSÕES DA MEMÓRIA: ENTRE OS JÁ-DITOS DO MACHISMO/MILITARISMO E AS DERIVAS DE SENTIDOS EM/NA REDE

Cremilton de Souza Santana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: niltoncte@hotmail.com

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: gcortes@uesb.edu.br

2335

INTRODUÇÃO

A história das mulheres é marcada por delimitações dos espaços sociais, sentidos que sofrem determinações históricas do imaginário feminino de suposta fragilidade. Com isso, a ideologia que rege o discurso machista impôs barreiras para a inserção das mulheres, sendo estas limitadas somente a lugares sociais considerados essencialmente “femininos”, a exemplo de atribuições domésticas, dentre outras. Mas as mulheres, ao longo do tempo, resistiram e resistem a tais discursos em meio a embates históricos e movimentos contra a dominação masculina. Nessa conjuntura, surge o contradiscurso com o dito “**lugar de mulher é onde ela quiser**”, com larga circulação nas mídias digitais e redes sociais. Assim, a mulher passou a ocupar espaços, antes restritos e considerados apenas masculinos, como nas carreiras policiais, que, no Brasil, teve seu marco inicial em 12 de maio de 1955, na cidade de São Paulo, com a criação do Corpo de Policiais Femininos. Dessa forma, objetivamos, neste estudo, analisar o processo discursivo que problematiza a construção do sujeito mulher-policial sob o jogo de forças da memória, em especial, a memória dos discursos machista e militarista, considerando as relações de poder e os efeitos de sentidos que atravessam e constituem essa trama discursiva.

DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO

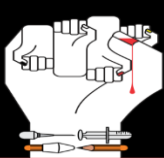
O estudo ancora-se teoricamente na Análise de Discurso (AD) de perspectiva pecheuxtiana, especificamente, mobilizamos as noções conceituais de **sujeito, formação discursiva, formações imaginárias, memória e interdiscurso, paráfrase e polissemia**. Ao tomar o discurso como objeto de estudo, Pêcheux (2014a, p. 81) o define como “efeito de sentidos entre interlocutores”. Nesse sentido, o funcionamento discursivo se materializa em condições de produção dadas, a partir de uma conjuntura dada, sendo os sujeitos e os sentidos afetados por determinações ideológicas, históricas,

Realização:



Apoio:





pois são atravessados por outros discursos e já inscritos na memória. Nesse quadro teórico, a língua não é transparente e o sujeito é constituído juntamente aos sentidos, como uma posição entre outras, pois o indivíduo é “interpelado em sujeito de seu discurso pela ideologia” (PÊCHEUX, 2014b, p. 238), no jogo de relações com as formações discursivas, definidas como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 2014b, p. 147, *grifos do autor*).

Assim, são sentidos afetados pelas determinações ideológicas das FDs, cuja memória instaura, conforme Orlandi (2020, p. 38) as formações imaginárias que permitem aos sujeitos passarem “[...] das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso”. Nessa direção, o que interessa à AD não são propriamente as imagens, mas as projeções imaginárias sobre os sujeitos e seus lugares, que funcionam no discurso; tal imaginário é afetado pela ideologia e pela historicidade.

O *corpus* discursivo foi constituído a partir de um arquivo digital, utilizando a captura de tela de perfis no *Instagram* relacionadas à mulher na carreira policial. Desse modo, recortamos quatro sequências discursivas “[...] em movimentos de análise sobre a opacidade material, efetuando voltas em espiral que perpassam arquivo, *corpus*, teoria, questões.” (MITTMANN e CORTES, 2021, p. 292). Os movimentos da análise discursiva se instauram sob a tensão do batimento descrição/interpretação, conforme orientações de Pêcheux (2015).

Resultados e Discussão

A primeira sequência discursiva (SD1) constitui-se da imagem seguinte, com a respectiva legenda:

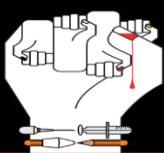
SD1 – Imagem de uma policial militar do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal



As peças usadas pelas militares na cerimônia são parte do uniforme da CBMDF

Fonte: imagem do *Instagram*¹

¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COdOE2kHj28/>. Acessado em 29 de março de 2022.

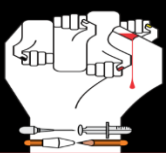


Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (CBMDF) **expulsou militares de suas próprias homenagens por usarem “saias curtas” demais.** [...] O **machismo estrutural EXISTE** sim. Só que agora, nós mulheres, não aceitamos mais. **Calar a boca para essa aberração organizacional,** é ir contra a nossa competência, capacidade e inteligência. @cbmdf nós mulheres, estamos esperando uma resposta e providência. (Grifos nossos).

Na foto, a policial militar do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (CBDF) aparece usando o uniforme da corporação, composto por uma camisa de manga longa e saia com tamanho limite até os joelhos, ambas de cor cinza. No campo da AD, a imagem, assim como a língua, é tomada em sua opacidade, ou seja, “a questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca [...] (PÊCHEUX, 2020, p. 51). O autor acrescenta, ainda, que a imagem funciona como operadora de memória social, pois comporta nela mesma um programa de leitura. Dado exposto, a imagem do uniforme militar feminino (SD1) produz efeitos de memória dos discursos machista e militar, como os sentidos de regras impostas, rigidez disciplinar e autoritarismo, com determinações de sentidos para o corpo e padrões estéticos da mulher.

Na materialidade verbal inscrita da SD1, conforme excerto: **“Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (CBMDF) expulsou militares de suas próprias homenagens por usarem “saias curtas” demais [...]”** atualiza a memória do discurso filiado às formações discursivas (FDs) machista e militar, sendo este um discurso autoritário, conforme tipologia discursiva discutida por Orlandi (2020); todavia, nessa atualização da memória, temos o efeito de denúncia à posição-sujeito de autoritarismo, ocupada pelo superior imediato, na hierarquia militar, um discurso que funciona intrinsecamente ao discurso machista, produzindo efeitos de opressão à mulher policial. Conforme Ribeiro (2018, p. 9) o machismo é fortemente ancorado na sociedade e, nas relações de trabalho [...] “habitualmente responsabiliza a mulher por dinâmicas desiguais de poder. A estratégia do agressor é a de desqualificar a sua vítima e, assim, justificar o seu comportamento inadequado”. Na legenda da SD1, **conforme excerto “O machismo estrutural EXISTE** sim. Só que agora, nós mulheres, não aceitamos mais. **Calar a boca para essa aberração organizacional,** é ir contra a nossa competência, capacidade e inteligência.”, a memória é atualizada com efeitos de desregulação, desestabilização e perturbação dos sentidos já ditos (PÊCHEUX, 2020). Desse modo, a

2337



rede social *Instagram* é um espaço de práticas discursivas, uma rede que movimenta os sentidos e os sujeitos, portanto, “[...] um espaço político, simbólico, como objeto não transparente, mas constituído de opacidade e incompletude.” (CORTES, 2015, p. 36), uma rede ocupada para denunciar o autoritarismo e instaurar os confrontos discursivos, pois “[...] todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente”. “E é nesse jogo entre parafrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam” (ORLANDI, 2020, p. 34). Na SD1, funciona a polissemia, uma posição-sujeito de antagonismo e resistência ao discurso militar e machista.

A seguir, apresentaremos a SD2, que se compõe de um recorte de três comentários da referida postagem (SD1).

SD2 – comentários instaurados na postagem da SD1.

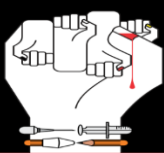
Comentário² 1 - F.G.A “se fosse comigo eu mandava era diminuir”

Comentário 2 - R. C. B – “curta que é bom...”

Comentário 3 R.C.B – “não entendi, se é padronizado desde os primórdios, porque caralhos encurtaram a saia (grifo nosso)?”

Os comentários 1 e 2 funcionam em relações metafóricas, conforme Pêcheux (2014b, p. 240), “o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos [...]).” Assim, percebe-se que nos comentários 1 e 2, as posições-sujeito confrontam as FDs militar e machista, que determinam o tamanho da saia do uniforme da mulher-policial, portanto, sentidos ideológicos de autoritarismo e dominação também sobre o corpo da mulher, “[...] uma construção simbólica inscrita em redes de poder e resistências. Possui uma história física, estética, política, ideal e material, que se transforma nos tempos e nos espaços.” (WITZEL, 2014, p. 530). Já a formulação do comentário 3, filia-se à posição-sujeito dominante nas FDs machista e militar, pois defende a padronização do uniforme militar, com regras e condutas disciplinares impostas que não devem ser questionadas ou confrontadas.

² Todos três comentários podem ser acessados na postagem da SD1. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COdOE2kHj28/>. Acessado em 29 de março de 2022.



CONCLUSÕES

Os movimentos analíticos mostram que o sujeito mulher-policial é construído sob determinações históricas e ideológicas que regem os dizeres das formações discursivas militar e machista. Nessa trama, os sentidos sobre o sujeito mulher e seu corpo, são constituídos pelo discurso autoritário que impõe normas e padrões disciplinares. Mas os sentidos sempre escapam, a deriva é constitutiva dos discursos, e assim instauram-se os confrontos e a resistência na rede digital.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher-policial. Discurso militar. Discurso machista. Rede social Instagram.

REFERÊNCIAS

CORTES, G. R.O. **Do lugar discursivo ao efeito-leitor:** a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica. 267p. Tese (Doutorado). Recife, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2015.

MITTMANN, Solange e CORTES, Gerenice, R. O. Mulheres de barro, de memórias, de saberes e de saberes. In: FLORES, Giovanna, B. (Org.) et al. **Análise de Discurso em Rede: cultura e mídia.** Campinas, Pontes, 2021. p. 291-306.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** Princípios e Procedimentos. 13ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 5ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. Tradução e introdução de José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **Papel da memória.** 5ª ed. Pontes Editores, Campinas, SP, 2020. p. 45-53.

PÊCHEUX, Michel. A especificidade de uma disciplina de interpretação (a Análise de Discurso na França). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4ª. ed. Campinas: Pontes, 2015. p. 227-230.

PÊCHEUX, Michel. A especificidade de uma disciplina de interpretação (a Análise de Discurso na França). Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 4ª. ed. Campinas: Pontes, 2015. p. 227-230.

RIBEIRO, Ludmila. Polícia Militar é Lugar de Mulher? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, SC. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6339NZCVs47ykZjrkv6vPSJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 27 abril. 2022.

WITZEL, D. Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 03, 2014.